

Radiodocumentário “Na boca da rua”: Um estudo sobre a identidade santa-mariense Na ocupação dos espaços públicos¹

Daniel PINTO²

Gilson PIBER³

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo entender como a utilização dos espaços públicos de Santa Maria influencia na construção de uma identidade sociocultural da cidade e elaborar um documentário radiofônico a partir das informações coletadas. Assim, com vistas a entender como se dão os processos de construção da identidade santa-mariense, foram feitas entrevistas com participantes e organizadores de duas das maiores iniciativas de ocupação do espaço público da cidade – o Brique da Vila Belga e a Batalha dos Bombeiros.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; documentário; identidade; espaço público.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a configuração do atual cenário cultural de Santa Maria, os espaços públicos começaram a ganhar destaque na preferência do público com uma programação de entretenimento popular. Como exemplo dessas mobilizações culturais, temos a realização do Brique da Vila Belga, Vila Gastronômica, Batalhas dos Bombeiros, eventos musicais na Concha Acústica, entre outras atividades.

O tema deste trabalho são os espaços públicos e identidade sociocultural. Como delimitação, destacou-se a utilização dos espaços públicos santa-marienses e sua influência na construção de uma identidade sociocultural da cidade. Sobre os temas referidos, elencou-se o seguinte problema de pesquisa: “como a utilização dos espaços públicos de Santa Maria influencia na construção de uma identidade sociocultural da cidade?”.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Centro Universitário Franciscano, email: daniel.mp92@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, email: gilsonunifra@gmail.com

Através da pesquisa, busca-se, como objetivo geral, entender se a utilização dos espaços públicos influencia na construção da identidade sociocultural do santa-mariense. Especificamente, busca-se mapear os eventos realizados nos espaços públicos de Santa Maria desde o início de 2015; indicar quais demandas motivaram a apropriação dos espaços públicos para realizar eventos; verificar se a existência de eventos em espaços públicos suscita a percepção de novas identidades através do pertencimento.

A realização do trabalho se justifica por abordar um contexto recente e local, o qual não foi analisado sob uma perspectiva científica. A busca e análise criteriosas dos motivos acerca dos novos movimentos de ocupação do espaço público permitirá uma melhor compreensão de seus reflexos na identidade santa-mariense.

A elaboração de um estudo que tem como objetivo analisar as recentes movimentações culturais no contexto local pode proporcionar entendimentos sobre como a realização desses eventos influencia na identificação cultural do público. No contexto social, a importância se dá em apontar os caminhos pelos quais a identidade sociocultural pode ser construída.

A atualidade e o caráter local da temática escolhida proporcionam à realização do trabalho um maior grau de interesse para a sociedade santa-mariense. Uma vez que se trata de perceber como os eventos influenciam a identidade local, os resultados podem dar base para considerações mais profundas sobre realidade sociocultural de Santa Maria.

Por se tratar de um fenômeno em processo, a coleta dos dados torna-se facilitada, uma vez que os responsáveis pela utilização dos espaços públicos estão em atividade. Em adição, o caráter colaborativo dos eventos aproxima os idealizadores do público e, por conseguinte, dos pesquisadores.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Identidades e apropriação do espaço em áreas urbanas

Para entender as diferentes identidades e suas representações na sociedade contemporânea, é necessário desfragmentar a prerrogativa homogênea e centralizadora a partir do princípio das diferenças, tendo em vista as inferências simbólicas e de poder estabelecidas no meio em que as relações sociais se estabelecem.

Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não

fariam sentido. De certa forma, é exatamente isso que acontece com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos”. (SILVA, 2000, p. 75).

Padronizar uma identidade, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), é uma maneira privilegiada de hierarquizar identidades. De acordo com o pesquisador, padronizar é escolher – de forma arbitrária – uma identidade como base de comparação e avaliação para com as demais. A identidade “normal” é vista como “natural” e desejável. O poder da identidade padrão é grande ao ponto de nem sequer ser vista como identidade, mas simplesmente como a identidade padrão.

A construção da identidade não é apenas simbólica como também social. Para Woodward (2000), porém, isso não significa que o indivíduo se entenda pertencido na sua totalidade. As afirmações que compõe a construção da identidade se dão pela diferença. O autor ainda afirma que a diferença é fruto da linguagem, sendo elas interdependentes.

Do mesmo modo que acontece com a identidade, na linguagem uma palavra só tem sentido por não significar algo diferente do que o faz, do sentido carregado por ela mesma. Linguagem, diferença e identidade, portanto, não são naturais, mas construções sociais e culturais. A exemplo da ruptura da normatização das identidades, a comunicação e o movimento, dado como forma de rompimento das distâncias fronteiriças, acarretam no hibridismo que se contrapõe à tendência de essencializar às identidades. O conflito é parte integral da dinâmica da produção de identidades e diferenças.

O hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma sob o hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2000, p. 87).

O espaço público, dado como local de vivência, interação ativa e de relações interpessoais dentro das cidades se afirma como ponto de interação entre diferentes identidades. De acordo com Jacobs (2000), a efetividade das interações sociais no espaço urbano pode ser tanto maior quanto mais diversificadas forem as cidades, nos diferentes usos e apropriações que se possa fazer delas. De acordo com Miège (1999)

[...]o espaço público se perpetua (ainda que sua função de facilitador do debate e das trocas de opiniões, bem como o uso das práticas

argumentativas tenham diminuído); que ele se amplia (todas as classes sociais são partícipes, porém de modos diversos); que suas funções se estendem regularmente (as lógicas sociais que o trabalham estão na origem desta extensão); e que ele tem a tendência de se fragmentar (MIÈGE, 1999, P. 10).

O pesquisador Stuart Hall (2002) classifica o ser pós-moderno como alguém mutável. Segundo ele, o sujeito não possui uma identidade fixa pois essa, por sua vez, se modifica de acordo com as vivências e os sistemas culturais que circundam a sociedade. Segundo ele, os sujeitos absorvem diferentes identidades em diversos momentos, decorrentes de inúmeras identidades contraditórias pertencentes a cada um. O autor ainda enfatiza que não existe uma cultura fixa e unificada e que, no lugar disso, toda e qualquer pessoa é confrontada diariamente por uma pluralidade identidades que podemos nos identificar.

O hip hop é uma prática social que promove a interação de pessoas. O gênero musical é uma fusão entre os interesses e as demandas de um determinado grupo social, suas experiências vividas, somado a um ritmo musical, o que gera sentido e carrega um sentimento de pertença a um determinado grupo, formando uma identidade. As rimas carregam muito das histórias de vidas oriundas da periferia e contrapõe a padronização cultural vigente.

1.2 Radiojornalismo na atualidade

1.2.1 A história do rádio

No ano de 1887, o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz construiu o primeiro aparelho capaz de emitir e receber ondas sonoras. Segundo Pinheiro (2005), foi a partir desse aparelho que Hertz colocou em foco a existência de ondas eletromagnéticas imaginadas anteriormente pelo físico britânico James Clerk Maxwell.

Em território nacional, o padre e cientista gaúcho Roberto Landell de Moura realizou, em 1893, a primeira transmissão de palavras faladas via ondas eletromagnéticas e, por falta de incentivo, encerrou suas atividades em 1904. Após os primeiros experimentos, o rádio foi utilizado durante a Primeira Guerra Mundial e, a partir de 1918, a comunicação radiofônica ganhou fins civis. A primeira transmissão radiofônica oficial brasileira foi feita no dia 7 de setembro do ano de 1922, como parte das comemorações do Centenário da

Independência do Brasil. No ano seguinte, foi fundada a primeira emissora de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A partir da década de 30, o rádio nacional alcançou um outro patamar. No governo de Getúlio Dornelles Vargas, em 1936, após a implantação da plataforma radiofônica, foi inaugurada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a primeira grande emissora brasileira. Já no ano seguinte, segundo Prata (2008), Getúlio fez uso do rádio para divulgar o diário oficial do governo, *A Voz do Brasil*, na época *Hora do Brasil*. Prata apud Costa e Noletto (1997) ainda cita um manual preparado pelo Ministério da Educação, sobre a *Hora do Brasil*, que lembra:

Transmitido de segunda à sexta em cadeia nacional de rádio, o programa logo se tornou de transmissão obrigatória. Nos anos 30, os minutos finais da *Hora do Brasil* eram culturais, dedicados à transmissão de sucessos da música popular brasileira. A participação de artistas de prestígio no programa foi uma maneira encontrada por Getúlio para estar sempre presente junto à população. O programa é veiculado até hoje, em forma de cadeia obrigatória de rádio (COSTA e NOLETO, 1997, p.12).

Nas décadas de 1950 e 1960, a televisão se popularizou, o que fez com que o rádio tivesse sua existência questionada como principal meio de comunicação de massa. Segundo Ortriwano (2002), a televisão ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação e junto consigo levou as verbas publicitárias, os profissionais e, por consequência, a audiência. Esse momento fez com que o rádio fosse visto como um meio de comunicação destinado a acabar.

Conforme Ortriwano (2002), as inovações tecnológicas foram as responsáveis pelas transformações do rádio, ou seja, o veículo encontrou na eletrônica o maior aliado para sobreviver. Foram através das então novas tecnologias, como o gravador magnético, o transistor e a frequência modulada que o rádio não apenas conseguiu sobreviver mas também desenvolver ainda mais seu potencial jornalístico.

Assim como aconteceu com o surgimento da televisão, com o advento da internet, o rádio novamente teve de se adaptar para suprir suas carências e necessidades. Na busca por uma melhor qualidade na transmissão, o modelo de rádio digital tem sido testado, mas ainda sem uma definição sobre o padrão a ser utilizado. Outra vertente radiofônica que surge com as novas tecnologias são as web rádios, que transmitem informação via streaming, modelo este já mais consolidado no cenário atual. A migração do rádio AM para FM é o processo em andamento para dar qualidade de áudio às emissoras.

No ano de 1887, o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz construiu o primeiro aparelho capaz de emitir e receber ondas sonoras. Segundo Pinheiro (2005), foi a partir

desse aparelho que Hertz colocou em foco a existência de ondas eletromagnéticas imaginadas anteriormente pelo físico britânico James Clerk Maxwell.

Em território nacional, o padre e cientista gaúcho Roberto Landell de Moura realizou, em 1893, a primeira transmissão de palavras faladas via ondas eletromagnéticas e, por falta de incentivo, encerrou suas atividades em 1904. Após os primeiros experimentos, o rádio foi utilizado durante a Primeira Guerra Mundial e, a partir de 1918, a comunicação radiofônica ganhou fins civis. A primeira transmissão radiofônica oficial brasileira foi feita no dia 7 de setembro do ano de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. No ano seguinte, foi fundada a primeira emissora de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A partir da década de 30, o rádio nacional alcançou outro patamar. No governo de Getúlio Dornelles Vargas, em 1936, após a implantação da plataforma radiofônica, foi inaugurada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a primeira grande emissora brasileira. Já no ano seguinte, segundo Prata (2008), Getúlio fez uso do rádio para divulgar o diário oficial do governo, *A Voz do Brasil*, na época *Hora do Brasil*. Prata apud Costa e Noleto (1997) ainda cita um manual preparado pelo Ministério da Educação, sobre a *Hora do Brasil*, que lembra:

Transmitido de segunda à sexta em cadeia nacional de rádio, o programa logo se tornou de transmissão obrigatória. Nos anos 30, os minutos finais da *Hora do Brasil* eram culturais, dedicados à transmissão de sucessos da música popular brasileira. A participação de artistas de prestígio no programa foi uma maneira encontrada por Getúlio para estar sempre presente junto à população. O programa é veiculado até hoje, em forma de cadeia obrigatória de rádio (COSTA e NOLETO, 1997, p.12).

Nas décadas de 1950 e 1960, a televisão se popularizou, o que fez com que o rádio tivesse sua existência questionada como principal meio de comunicação de massa. Segundo Ortriwano (2002), a televisão ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação e junto consigo levou as verbas publicitárias, os profissionais e, por consequência, a audiência. Esse momento fez com que o rádio fosse visto como um meio de comunicação destinado a acabar.

Conforme Ortriwano (2002), as inovações tecnológicas foram as responsáveis pelas transformações do rádio, ou seja, o veículo encontrou na eletrônica o maior aliado para sobreviver. Foi através das então novas tecnologias, como o gravador magnético, o transistor e a frequência modulada que o rádio não apenas conseguiu sobreviver mas também desenvolver ainda mais seu potencial jornalístico.

Assim como aconteceu com o surgimento da televisão, com o advento da internet, o rádio novamente teve de se adaptar para suprir suas carências e necessidades. Na busca por uma melhor qualidade na transmissão, o modelo de rádio digital tem sido testado, mas ainda sem uma definição sobre o padrão a ser utilizado. Outra vertente radiofônica que surge com as novas tecnologias são as web rádios, que transmitem informação via streaming, modelo este já mais consolidado no cenário atual. A migração do rádio AM para FM é o processo em andamento para dar qualidade de áudio às emissoras.

1.2.2 Papel social do rádio

Desde a criação do rádio e sua gradual disseminação do veículo radiofônico, a forma e o conteúdo sofreram mutação. O rádio assumiu uma função social no meio informativo, de forma que a interação entre o emissor e o receptor se tornou mais democrática. Suas características e recursos se tornaram fundamentais para a proliferação de conteúdos de relevância social e de importância para a sociedade. (FERRARETTO, 2001).

Pontos cruciais da programação radiofônica são calcados na informação, no entretenimento, na educação, na cultura e na formação de opinião do público. A forma e o papel exercido pelo veículo na era atual, Meditsch (2007) define que “O rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação”.

Em razão das particularidades que foram cruciais para o veículo radiofônico, como a mobilidade, acessibilidade e o baixo custo, colaboraram para a proliferação da linguagem e conteúdo no meio social.

Em face dessas características, o rádio possui uma importante função social: atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde sua gênese vem se formando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que em muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização. (BARBOSA FILHO, 2003).

Destaca-se a contribuição social que o exerce na sociedade, no fornecimento de informações de grande valor para a sociedade, na mediação e auxílio em questões de cunho político e social, criando um espaço consolidado de interação e debate do público, e que

serve também como local de disseminação de conteúdos culturais e ideológicos, contribuindo assim para a formação de opinião (BARBOSA FILHO, 2003 pg. 49).

1.2.3 Radiodocumentário

Segundo Ortriwano (1985, p. 92), o radiodocumentário é um programa que analisa um determinado assunto, seja por sua grande importância e atualidade, seja por seu interesse histórico. Ele pressupõe pesquisa aprofundada sobre o tema, tanto no que diz respeito às informações textuais quanto às sonoras, principalmente as entrevistas. Sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica.

Pouco freqüente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio. (FERRARETTO, 2001, p.57).

O rádio documentário tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor, mesclando a pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de protagonistas do acontecimento sobre um conjunto de acontecimentos, como afirma Barbosa (2003)

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística (BARBOSA FILHO, 2003, P.102).

Medistch destaca que o formato de documentário permite a exacerbação do ideal de dupla contemporaneidade do jornalismo, possibilitando a superação do período, que está implícito na idéia de periodismo pela simultaneidade entre enunciação e o acontecimento externo e entre a enunciação e a recepção do enunciado. Pessoa(2010, p. 495) atenta que mesmo emissoras *all news*, cuja programação é composta exclusivamente por conteúdo noticioso, despertaram a atenção para o documentário como programa informativo interessante para abordar detalhadamente temas que atraíam a atenção do público.

2 METODOLOGIA

2.1. Entrevistas

A pesquisa para a elaboração do documentário radiofônico se apoiou, em primeira instância, nas informações obtidas com coordenadores e participantes dos eventos culturais de Santa Maria escolhidos como objeto. Para tanto, foram feitas entrevistas de acordo com o gênero compreensão-aprofundamento, proposto por Edgar Morin e resgatado por Cremilda Medina (1986, p.17). Para embasar a compreensão das iniciativas, bem como seu desenvolvimento, foram usadas a entrevista conceitual, na qual o entrevistador apresenta-se de “espírito aberto” para observar a realidade apresentada, e a entrevista/enquete, na qual não há pruridos de justificar a importância das fontes e se busca uma amostragem de opiniões sobre o tema.

Na primeira fase de apurações, os produtores do documentário radiofônico entraram em contato com os organizadores dos eventos Vila Gastronômica, Brique da Vila Belga e Batalha dos Bombeiros. Nas entrevistas, foram abordadas as questões: iniciativa e demanda, o que motivou a organização; a escolha do local, por que e como aconteceu a ocupação do espaço público como palco e as condições do mesmo; a questão burocrática, se o uso do espaço é legalizado e como isso é feito; divulgação, métodos escolhidos e repercussão; desenvolvimento, como se deu a repetição dos eventos e suas mudanças ao longo das novas edições; feedback, como o público reagiu às iniciativas. Junto ao responsável pela liberação dos locais, foram buscadas as informações documentais relativas à questão burocrática, que ratificaram ou não às opiniões dos organizadores dos eventos.

A segunda fase de entrevistas consistiu em verificar as opiniões do público e dos expositores em relação aos eventos observados. Com a entrevista/enquete, os visitantes foram abordados para responder às seguintes questões: divulgação, como ficou sabendo; expectativa, o que esperava e o que encontrou; localização, opinião sobre a ocupação de espaços públicos e/ou históricos para a realização de eventos não realizados pelo poder público; fidelidade, se está voltando ou voltaria a frequentar; permanência, se a tendência da ocupação dos espaços é passageira ou irá permanecer na cultura do santa-mariense.

A terceira parte da investigação, cujo objeto seria a Vila Gastronômica, não foi realizada. Por sua característica itinerante, a primeira edição do evento, no período utilizado pela pesquisa, foi feita na Base Aérea de Santa Maria. Por motivo de logística, optou-se

pela data seguinte. Entretanto, devido às fortes chuvas do mês de outubro, a Vila Gastronômica não foi realizada novamente antes do final do período de investigação.

2.2. Análise

A primeira coleta de informações foi realizada na noite de sexta-feira, 16 de outubro, durante a realização da 37ª Batalha dos Bombeiros e 4º Best Trick da Escadinha. O primeiro evento, mais importante, tem por objetivo ocupar os espaços públicos, em especial os centrais, para divulgar a cultura periférica, além de desmitificar a ideia de que a cultura periférica está associada à violência. A atração principal da noite foi a batalha de rappers, referida no nome do evento. O Best Trick da Escadinha é uma competição de skate, no qual os competidores disputavam pela melhor manobra realizada ao descer um dos lances de escadas da Praça dos Bombeiros.

Nas entrevistas, os visitantes elencaram um motivo principal para justificar sua participação na Batalha dos Bombeiros: a troca de ideias. Ao longo do evento, a praça tornou-se um espaço de livre expressão, que permitiu a discussão de temas pertinentes a ideia central do evento. Conforme entrevistados, ao “transportar” a periferia para o centro da cidade, ficou claro como esta é excluída da identidade da cidade. A injustiça social foi outro ponto destacado pelos visitantes, a qual é fortemente associada à própria exclusão da cultura periférica. Em uma avaliação, os entrevistados foram unânimes em relação ao sucesso da iniciativa em sua proposta.

A segunda coleta de informações ocorreu no dia 18 outubro durante a realização do Brique da Vila Belga. Na ocasião, foram entrevistados participantes e expositores. No decorrer das entrevistas, pode-se observar uma convergência de opiniões acerca da forma como é estabelecida a relação entre ambos. Por se tratar de uma feira de produção artesanal, as trocas não se resumem a uma relação de consumo. À medida que as pessoas se familiarizam com o evento, as trocas de conhecimento acontecem de forma espontânea. A ruptura da relação vertical entre produtor e consumidor pode ser atribuída ao vínculo artesanal, uma vez que esse modo de produção não visa prioritária o lucro em larga escala. Ao mesmo tempo em que realizam compras e vendas a parte do sistema, partilham de uma identidade local, como santa-marienses pertencentes a um lugar comum.

O interesse dos visitantes se estende a um aproveitamento comum do espaço público. A comunicação se dá, muitas vezes de forma horizontal, priorizando a troca de

informações e, conseqüentemente, conhecimento entre os envolvidos. O espaço da rede social *Facebook*, na qual a iniciativa possui uma página, é um retrato da relação do público com os realizadores e expositores. Ao mesmo tempo em que os responsáveis pelo evento publicam mensagens informativas e respondem dúvidas, expositores e público compartilham, ampliando o espectro de visibilidade do Brique. Entre os pontos mais importantes está o compartilhamento de fotos, apontado pelos realizadores como a fonte de maior retorno em todo o processo comunicacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na observação dos eventos estudados realizados em espaços públicos de Santa Maria, evidenciaram-se algumas características acerca da forma como os indivíduos constroem o modo como eles se inserem no espaço público em questão. No Brique da Vila Belga, duas esferas de relação ficaram em evidência, a social e a comercial. A particularidade do evento se dá na medida em que ambas coexistem, sem que haja uma hierarquização. As relações de compra e venda não suscitam conflitos, pois os expositores, não tem o objetivo de concorrer uns contra os outros.

Por ser um brique, os produtos são usados ou artesanais e em poucos casos são a principal fonte de renda de quem as comercializa. A esfera social sustenta a relação de não competição.

Ao mesmo tempo em que os visitantes buscam um espaço de interação, um local para passear no domingo, interagem entre si, inclusive com os expositores. O canal direto de comunicação com a organização, proporcionado pela rede social Facebook, facilita o trânsito entre as posições de visitante para expositor e torna difusos seus contornos, potencializando a coexistência da esfera social e comercial.

Assim o consumo ali não pode ser visto como algo supérfluo, e sim como àquele que serve para pensar e reelaborar o sentido social. Ao contrário do que implica sua interpretação corrente, o consumo no Brique da Vila Belga não é algo privado e passivo, mas algo eminentemente social, correlativo e ativo. Dessa forma observa-se que a construção da identidade dos indivíduos que se fazem participantes, seja como expositor ou visitante, corrobora a horizontalidade da relação de consumo como forma integrativa e comunicativa de uma sociedade. O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados por significados culturais.

A Batalha dos Bombeiros teve por característica mais marcante a busca de um espaço para discussão das questões sociais da periferia, como cultura e exclusão. Já em sua

proposta, a Batalha propõe problematizar a realidade posta, por meio da ocupação um espaço central, criando um ponto comum entre diferentes zonas periféricas da cidade. Deve-se ressaltar a peculiaridade da rua ser em potencial mais receptivos à diversidade humana.

Por ser um espaço no qual o diálogo é aberto e ocorre de maneira horizontal, diferentes grupos periféricos tem na socialização, na convivência, uma forma de fortalecer as pautas sociais visibilizar a cultura hip-hop. A praça se torna um lócus da cultura Hip Hop, e os participantes do evento apropriam-se do local, demarcando o espaço da praça e imprimindo seu modo de interagir. Para afirmar sua identidade, o grupo faz de códigos de identificação fundamentais para a coesão interna.

Ao longo da análise dos eventos, observou-se a convergência das questões de socialização e utilização de espaços públicos como ambiente democratizado . Tanto o Brique da Vila Belga, quanto a Batalha dos Bombeiros tem nas relações interpessoais entre participantes e realizadores seu elemento aglutinador, que possibilita a longevidade das iniciativas e afirmações das diferentes identidades que compõem o contexto social Santa Mariense.

A partir das observações feitas ao longo do trabalho, percebeu-se que a identidade do santa-mariense caracteriza-se pela heterogeneidade. Entretanto, ilustrá-la apenas dessa forma seria simplificador e irresponsável. Ser santa-mariense é um processo em constante construção, no qual a ocupação dos espaços públicos e a interação com os demais sujeitos ocupa um espaço de destaque.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CANCLINI, Néstor Gacía. **Consumidores e cidadãos: conflitos culturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1999.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre, Editora Sagra Luzzatto, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JACOBS, J. (2000). **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda. Convergência digital e novos desafios na radiodifusão**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista; o diálogo possível**. Princípios, São Paulo, Ática, 1986.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Florianópolis, Editora da UFSC / Editora Insular, 2001.

MIÈGE, B., O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado, In: Novos olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos 1999.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. São Paulo, 2002. <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>> acesso em 11 de setembro de 2015.

PINHEIRO, Claudia. **A rádio Nacional. Alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional**. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

_____. **Quem precisa de identidade?**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.